

MARCELO CASAL - AGÊNCIA BRASIL



Eventual vitória de **Ciro** no **CE** não retira votos de **Lula** diretamente

Voto cruzado no Ceará torna pífio o apoio de Flávio a **Ciro**. **Lula** mantém vantagem

Michelle Bolsonaro está certa em exigir fidelidade aos quadros históricos da direita no Ceará, aleijados pelo apoio a **Ciro** Gomes. O desgaste gerado com a insatisfação por conta do embate com a ex-primeira-dama é maior do que os resultados que podem ser obtidos com o apoio a **Ciro**. Uma eventual vitória de **Ciro** Gomes ao governo do Ceará nas eleições de 2026, não retira votos de **Lula** de forma direta na disputa presidencial, pois as pesquisas demonstram um cenário consolidado de “voto cruzado” no estado.

De acordo com o levantamento do Real Time Big Data, **Lula** mantém uma liderança isolada com 66% das intenções de voto no Ceará para a Presidência, abrindo 40 pontos de vantagem sobre Flávio Bolsonaro (26%). O eleitor cearense historicamente separa o voto para o Palácio do Planalto da escolha para o governo estadual.

Empate técnico com clima de **Caim** e **Abel**

A disputa pelo governo do Ceará segue em empate técnico acirrado entre o atual governador Elmano de Freitas (PT), que pontua com 44%, e **Ciro** Gomes (PSDB), que registra 40%. Um componente familiar separa os dois. Elmano de Freitas foi o pivô central do rompimento entre **Ciro** e **Cid** Gomes, funcionando como o estopim de uma crise política e familiar que se estende até as eleições de 2026.

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO



Ciro e **Cid** Gomes: **Elmano** de Freitas foi o pivô

Voto no **Ciro** em **Lula**

A estabilidade dos números de **Lula** (sempre na faixa acima de 60% no estado), em contraste com o crescimento de **Ciro** Gomes, mostra que uma parcela significativa de eleitores vota em **Lula** para presidente e **Ciro** Gomes para governador.

Sem reflexo na nacional

Portanto, numericamente, o impacto de uma vitória de **Ciro** Gomes sobre a votação de **Lula** no Ceará tende a ser nulo ou irrelevante, já que a ampla vantagem do petista na disputa presidencial independe do desempenho do PT na disputa local.

Ônus e sem bônus

Não valeu a pena para a imagem da família Bolsonaro, pois a briga gerou uma grave crise pública interna e o enfraquecimento do partido PL. Por outro lado, do ponto de vista pragmático regional, isolou o PT no Ceará.

Palanque vetado

Para piorar a situação de Flávio, o próprio **Ciro** Gomes afirmou publicamente que rejeita qualquer associação com o bolsonarismo. Ele declarou que não quer o apoio de Flávio formalizado em palanque, pois as críticas do passado seriam usadas pelo PT.

Difícil de esquecer

Os ataques históricos de **Ciro** Gomes à família Bolsonaro foram pesados, focados em acusações de corrupção e na gestão da pandemia, sendo resgatados recentemente por Michelle Bolsonaro para justificar sua revolta com a aliança do PL no Ceará.

Chamou de assassino

Durante o auge da pandemia de Covid-19, **Ciro** afirmou publicamente que as pessoas deveriam repetir em voz alta que “Bolsonaro era assassino”, por sua conduta na compra de vacinas e gestão de insumos médicos. Michelle o acusa de ser o criador dessa narrativa e nunca perdoou **Ciro**.

“Bando de ladrões”

Ciro costumava repetir que os filhos de Bolsonaro formavam um “bando de ladrões e corruptos”. Ele frequentemente atacava Flávio Bolsonaro citando o caso Queiroz, zombando das liminares judiciais obtidas pelo senador para travar as investigações.

“Ex-esposas ladras”

Um dos ataques foi direcionado à própria Michelle, **Ciro** estendeu as acusações de corrupção às cônjuges do ex-presidente, declarando em vídeos que “todas as esposas de Bolsonaro seriam ladras” e que o presidente havia “corrompido seus filhos e suas mulheres”. Ele também explorava politicamente os depósitos de Fabrício Queiroz na conta de Michelle.

FACEBOOK/FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO



Criado por **Ruth**, Comunidade Solidária é base dos programas sociais

Ruth Cardoso: a história da primeira-dama que trabalhava

Janja esqueceu-se da trajetória da esposa de Fernando Henrique

Por **Gabriela Gallo**

A primeira-dama, Rosângela (“Janja”) **Lula** da Silva, concedeu uma entrevista ao vivo para o Uol nesta semana e, dentre as perguntas acerca de seu trabalho, ela declarou que “a sociedade brasileira nunca teve uma primeira-dama que efetivamente trabalhasse”.

A declaração da primeira-dama e antropóloga foi considerada polêmica, pois ela não levou em consideração a história e trajetória da ex-primeira-dama **Ruth** Cardoso (1930-2008), antropóloga, professora universitária e doutora em Ciências Sociais (1972) pela Universidade São Paulo (USP). Após a fala de Janja, o diretor-geral da Fundação FHC, Sergio Fausto, classificou-a como “desconhecimento da história”.

O Correio da Manhã conversou com o jornalista Mário Galán Salimon, que trabalhou com **Ruth** Cardoso de 1998 até 2003 como assessor de imprensa e também como presidente do Conselho da Comunidade Solidária. E para a reportagem, ele lembrou o trabalho da antropóloga enquanto foi primeira-dama.

O jornalista ponderou que concorda com o ponto de Janja de que a população no ge-

ral não enxerga com clareza qual é o papel da primeira-dama ou faz ideia do que é cumprir esse papel. Contudo, ele classificou como grave o esquecimento sobre **Ruth** Cardoso, especialmente da esposa do principal representante do Partido dos Trabalhadores (PT). “O PT conhecia muito bem a Comunidade Solidária, então o PT não tem desculpa para dizer que não conhece **Ruth** Cardoso”, ele afirmou.

Esposa do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, **Ruth** foi oficialmente primeira-dama nos dois mandatos de Fernando Henrique, de 1995 a 2002. “Ela atuava como primeira-dama por obrigação, ela detestava isso. Ela não gostava de ser chamada de primeira-dama, ela preferia ser chamada de professora ou simplesmente **Ruth**”, detalhou Salimon.

Um dos principais feitos de **Ruth** Cardoso foi fundar o projeto Comunidade Solidária em 1995, uma ação de combate à pobreza e à exclusão social.

A iniciativa foi fundamental para organizar e unificar as bases dos programas de transferência de renda no Brasil, como o Bolsa Família, mais tarde implementado pelos governos do PT.